

Derrete-se uma das razões de bloqueio na FLF

Quem gosta de fundir-se?

A preparação do actual bloqueio à adesão de clubes de “origem” portuguesa fez-se com base em argumentos deste género: *porque razão eles* [os pretendentes] *não se integram nos clubes já existentes?*, ou *porque motivo eles* [os mesmos] *não encontram entendimentos para se fundirem aos clubes já existentes?*

Essas forças de bloqueio — não é preciso pô-lhes nomes, porque todos sabemos de quem se trata — ainda hoje estão convencidas que um Benfica desaparecido no seio de um Aris ou um Boavista eclipsado num Spora seria a solução ideal: o ganho da qualidade sem o custo da partilha de espaço com esses nomes conhecidos pela Europa fora.

Direito de associação? Liberdade de escolha? Mas... isso existe?

Em auxílio da corporação futebolística, vem a principal autarquia do país, que, por um lado, assiste ao deslocamento do centro de decisão competitiva para fora das suas fronteiras (para Esch e para Dudelange) e, por outro, vê os seus subsídios feitos migalhas, empoeirando demasiados clubes de pequena monta.

Incapaz de reconhecer o vexame da diminuição de importância (as competições europeias de clubes acontecem noutros concelhos), a Câmara do Luxemburgo argumenta com a falta de verbas para a manutenção de tantos campos e a urgência de uma boa utilização do parque desportivo. Qual o efeito que procura? A fusão de clubes. Se não há campos para todos, ou se extinguem (o que ninguém aceita) ou se fundem.

Neste panorama (a Câmara e a FLF a empurrarem o mesmo carrinho), que outra reacção se esperaria, na FLF, face ao pedido de adesão de três novos clubes? A sugestão da fusão com os “clubes luxemburgueses”, pois claro! Na esperança (ou com a certeza) de que os nomes “estrangeiros” fossem sacrificados nesse processo. Recorde-se que uma das solicitações iniciais (já lá vão alguns anos) era a do abandono de nomes como *Bracarenses*, o que na altura os clubes recusaram liminarmente, por questões de ordem cultural.

Hoje, começa a ser claro o relevo que os clubes federados e as respectivas massas associativas atribuem às fusões. Nulo. A mais recente e festejada operação acabou por se revelar um fracasso total: dos quatro clubes fusionistas, dois afastaram-se do processo e um por pouco via a operação recusada por parte dos seus sócios. De uma situação eufórica de caldeirada, passou-se ao desespero do bife do vazio: o risco de a fusão se fazer entre um clube e... ele próprio!

Por acaso, trata-se precisamente do clube de um dos principais adversários da admissão de clubes de origem portuguesa na FLF..

O desaire provou que, na generalidade, os adeptos não morrem de amores por fusões, mesmo que elas possam solucionar os problemas financeiros dos seus clubes. Assim, os trincos e os líberos das novas adesões vão muito certamente (espero) pôr a mão no queixo, franzir o sobrolho e pensar: ora se a fusão não é coisa boa para “os nossos” clubes, porque há-de ser para “os deles”?